

MUDANÇAS SOCIAIS CONTEMPORANÊAS

Débora Regina Pastana¹

Não há, pois, nada mais urgente que procurar libertar dele (preconceito) definitivamente a nossa ciência; é esse o objetivo principal dos nossos esforços (Durkheim, 2007, p. XXXI).

Resumo: O tema central deste artigo resgata a importância da discussão teórico-metodológica presente na sociologia contemporânea, a partir da experiência pedagógica de tal conteúdo, no ensino superior. Dito de outra forma, a experiência docente aqui relatada, ao reconhecer resistências discentes aos temas e teorias contemporâneas, aponta para uma controvérsia, de certo modo retardatária, que compromete o desenvolvimento científico nacional relacionado ao enfrentamento de uma nova morfologia do social, representada pela emergência de novos dilemas gerados pela reprodução de um capitalismo redefinido. Nesse sentido, o artigo propõe um resgate conceitual das recentes reflexões sociológicas e, ao mesmo tempo, reforça a compreensão de superação da noção de “crise de paradigmas” que tanto atormentou o pensamento sociológico do final do século XX.

Palavras-chave: teoria sociológica, mudanças sociais, ensino superior

Abstract: The central theme of this article demonstrates the importance of this theoretical and methodological discussion in contemporary sociology from the pedagogical experience of such content in higher education. Put another way, the teaching experience reported here, recognizing students resistances to themes and contemporary theories, signaling to a controversy, somewhat belated, it compromises national scientific development related to facing a new social morphology represented by the emergence of new dilemmas generated by the reproduction of capitalism redefined. Accordingly, the paper argues the importance of recent sociological reflections and simultaneously highlights the understanding that there is no more "paradigm crisis" that so bedeviled sociological thinking of the late twentieth century

Keywords: Sociological theory, social changes, higher education

Meta-inquietação inicial

Ao lecionar recentemente uma disciplina, cujo nome é exatamente o título desse artigo, deparei-me com uma inquietação discente relacionada não diretamente ao seu

¹ Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual Paulista (1997), mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (2002) e doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (2007). Atualmente é professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (2009), professora colaboradora do Programa de Pós Graduação em Direito Público da UFU. Tem experiência em Sociologia, pesquisando principalmente os seguintes temas: violência, controle social, justiça penal e cidadania.

conteúdo, mas ao dissenso que ele produziu e que, mesmo atenuado, ainda ecoa no universo acadêmico. A ementa de tal disciplina trazia a tona, entre outros temas, a reflexão sobre a multiplicidade de sujeitos e de processos de mudanças na contemporaneidade, intitulada por parte da recente teoria social de pós-modernidade².

Diante de tal conteúdo, uma discente angustiada externou sua preocupação em ser prejudicada nas avaliações dessa disciplina por “ser marxista”. Um tanto anacrônica e sem sentido, tal preocupação se explica se considerarmos a rejeição, ainda presente em muitas instituições de ensino superior, de análises que aproximam a sociologia clássica da contemporânea. Embora os acirrados debates sobre o advento da pós-modernidade, centrais na teoria social dos anos oitenta, ocupem hoje posição periférica, isso não significa dizer que a temática arrefeceu. Ao contrário, cada vez mais evidente é a preocupação científica com as mudanças sociais que marcam o momento contemporâneo. Adelman (2009, p.184) pode ter razão ao dizer que “isto talvez represente mais uma trégua do que um consenso sobre o uso do conceito”, contudo não há como negar que a pós-modernidade figura, cada vez mais consolidada³, nas análises sociológicas contemporâneas.

Por certo a noção de pós-moderno não mais traduz unicamente o abandono das clássicas metanarrativas presentes na modernidade. Lyotard (2000), ao profetizar o eclipse das grandes explicações modernas (progresso iluminista, socialismo clássico, equilíbrio keynesiano etc.) provocou uma convulsão teórica⁴ que não só projetou a discussão como produziu preconceitos que ainda hoje persistem na academia brasileira. Embora tenha considerado pós-moderna “a incredulidade em relação aos metarrelatos

² Sobre o uso do termo pós-modernidade assim se coloca Boaventura de Souza Santos (2001, p.77): "O paradigma cultural da modernidade constituiu-se antes de o modo de produção capitalista se ter tornado dominante e extingue-se antes de este último deixar de ser dominante. A sua extinção é complexa porque é em parte um processo de superação e em parte um processo de obsolescência. É superação na medida em que a modernidade cumpriu algumas das suas promessas e, de resto, cumpriu-as em excesso. É obsolescência na medida em que a modernidade está irremediavelmente incapacitada de cumprir outras das suas promessas. Tanto o excesso no cumprimento de algumas das promessas como o *défice* no cumprimento de outras são responsáveis pela situação presente, que se apresenta superficialmente como um de vazio ou crise, mas que é, a nível mais profundo, uma situação de transição. Como todas as transições são simultaneamente semicegas e semi-invisíveis, não é possível nomear adequadamente a presente situação. Por esta razão lhe tem sido dado o nome inadequado de pós-modernidade. Mas à falta de melhor, é um nome autêntico na sua inadequação." (*sic*).

³ Importante frisar que transcendendo o debate entre os que defendem a permanência da modernidade e os que advogam a sua superação está a abordagem pós-colonialista que fundamentalmente analisa os efeitos políticos, artísticos e científicos deixados pelo colonialismo nos países colonizados, tanto no momento moderno, como no contemporâneo. Tal ramificação teórica não será objeto de análise neste texto, porém, para uma primeira aproximação com o tema, fica a sugestão de leitura do artigo *Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial*, de Sérgio Costa (2006).

⁴ Em resposta Habermas “atribuiu a idéia à direita, formulando-a como uma representação do neoconservadorismo” (Anderson, 1999, p 53).

[...], sem dúvida, um efeito do progresso das ciências”, Lyotard (1986, p. XVI) não reduziu sua análise a tal sentença fúnebre. Mais que “a incredulidade nos metadiscursos e respectivas pretensões universalizantes” a pós-modernidade, para Lyotard, configura-se como “um estado da cultura, posterior às transformações que afetaram não somente as ciências, mas, também, a literatura, as artes e, sobretudo, os paradigmas do conhecimento e a organização da vida no Ocidente” (Rajobac e Romani, 2011, p.11).

Hoje, ao contrário de repudiar as clássicas explicações⁵ sobre os rumos civilizacionais, parte significativa da teoria social procura equacionar as diferenças conceituais evidenciando, muitas vezes, elementos de continuidade nas análises contemporâneas em relação aos diagnósticos clássicos. A compreensão de Fredric Jameson sobre o pós-moderno, por exemplo, estabeleceu, a partir dos anos 80, termos menos epistemológicos e mais focados nas mudanças socioeconômicas e suas manifestações culturais e políticas. Segundo Anderson (1999, 77), naquele momento, apenas Jameson “havia identificado firmemente o pós-modernismo como um novo estágio do capitalismo, entendido segundo os clássicos termos marxistas”. Talvez por isso, as “intervenções mais significativas desde a entrada dele em campo tenham sido igualmente marxistas de origem” (Anderson, 1999, p. 93).

Reforçando tal observação está o diagnóstico de Harvey (2010) sobre a condição pós-moderna. Para o autor, tal condição passou a ser o resultado da acumulação flexível e das novas vivências que tal sistema de produção projetou no mundo contemporâneo. Consta-se que tal compreensão revela de imediato a associação do reconhecimento de transformações sociais com uma perspectiva materialista que relaciona mudança social com variação econômica. Importante observar que tal associação parece mesmo prevalecer nas análises do contemporâneo ainda que destituídas dos rigores metodológicos marxianos. Dito de outra forma, sem um compromisso revolucionário evidente, tais teorias reforçam a tese de que as transformações na esfera material, mais

⁵ Célebre é a discussão de Octavio Ianni sobre a “crise da sociologia”. No auge dos debates sobre a decomposição dos modelos clássicos de explicação científica sobre a modernidade, Ianni (1991, p.199) já sinalizava para “algo de imaginário nesse debate sobre a referida crise. Ao analisar criticamente o tema, Tavolaro (2007, p. 98) também adverte que num primeiro momento “várias propostas teóricas construíram sua legitimidade junto à comunidade científica precisamente sob o argumento de serem elas inovações teórico-conceituais necessárias frente à crescente percepção da insuficiência dos clássicos ante o alegado ‘ineditismo da dinâmica social contemporânea’”. Contudo, tal insuficiência, por vezes anunciada por meio da catastrófica expressão “crise dos paradigmas das ciências sociais”, já não mais se sustenta na medida em que, mesmo reconhecendo “a originalidade de uma série desses aspectos que de fato sugerem certa singularidade à dinâmica atual” (Tavolaro, 2007, p. 98), é cada vez mais evidente o fato de que tais propostas teóricas em muito se baseiam nas referências epistemológicas dos clássicos.

precisamente relacionadas ao trabalho e a produção, repercutem de alguma maneira nas demais dimensões da vida coletiva.

Nesse sentido, a insistência no revanchismo reducionista e abrasivo, que repele acriticamente as reflexões contemporâneas, configura-se não em debate profícuo, mas em fervorosa defesa de ortodoxias e verdades absolutas. Novamente Adelman (2009) pode ter razão ao advertir que “nestes tempos em que mesmo os menos ‘pós-modernos’ aprenderam a prestar muita atenção nas palavras e nas coisas, uma indagação sobre o que pode haver de significativo no apego ou na rejeição de um termo como este poderia ser muito revelador”.

Um sociólogo pode posicionar-se “contra” os discursos e a ênfase identitária pós-modernos, mas faz pouco sentido querer minimizar o impacto dos fenômenos históricos aos quais tais discursos e identidades estão tentando responder. É, portanto, importante fazer uma separação inicial entre ambas as questões: a da existência e do caráter de um momento histórico que pode ser denominado ou pensado como “pós-modernidade” e os traços estruturais e culturais que o definem — que remete à discussão de possíveis continuidades ou rupturas históricas — e a segunda, de avaliação do movimento filosófico, cultural e artístico, que adquire o nome de pós-modernismo, e o que este representa em relação aos movimentos culturais de um período histórico anterior. (Adelman, 2009, p. 191)

Ainda sobre tal advertência, Kumar (2006, p. 10-11) destaca que:

É extraordinária a quantidade de energia despendida na literatura crítica sobre essas teorias para mostrar que elas são sempre obtusas, quando não infantis. Essa parece ser uma tarefa bastante cansativa, inútil e acadêmica, no pior sentido da palavra. A durabilidade dessas teorias, a despeito do bombardeio crítico, constitui certa indicação de que elas têm algo a dizer sobre as condições do mundo moderno.

Sem subestimá-las, Kumar (2006, p. 07) adverte que mesmo parciais a fecundidade dessas teorias “reside nos tipos de questão que levantam”. Em outras palavras, elas possuem uma finalidade e uma urgência que refletem a convicção de que “vivemos uma das grandes reviravoltas da história mundial”.

Ainda que as teorias acerca da pós-modernidade sejam incompletas e imperfeitas — e elas certamente o são — chamam atenção para fenômenos novos e decisivos da vida contemporânea e despertam o pensamento para algo que está acontecendo, o que faz lembrar a velha canção de Bob Dylan (“Because something is happening here/But you don’t know what it is/ Do you, Mr. Jones?”, *Ballad of a thin man*, 1965) (Fridman, 1999, p 353).

“Vale dizer, seria por demais apressado acusar tais empreendimentos de ‘mais uma daquelas modas passageiras’ a colorir a sociologia de tempos em tempos” (Tavolaro, 2007, p. 97). Parece, portanto, desnecessário reconhecer a importância de identificar genuínas transformações na vida em sociedade, ao mesmo tempo em que novas teorias emergem na tentativa, muitas vezes cambiante, de esclarecê-las. Contudo, a inquietação da discente, relatada no início desse texto, mostrou-me o quanto esse exercício científico pode ser prejudicado por julgamentos⁶ apriorísticos e acomodados ainda tão presentes no campo acadêmico.

O fato é que as éticas promessas modernas que sinalizavam para a emancipação do sujeito e o aperfeiçoamento das sociedades (progresso econômico, igualdade social, libertação da miséria e paz) já não se sustentam e a realidade angustiante aponta para uma experiência de vida cada vez mais fragmentada, precária e incerta.

Em que se pode trabalhar? Por quanto tempo? Com que resultados? Onde? Se há alguma verdade nos rumores de que o mundo é pós-moderno, são essas as interrogações cuja a atualidade e pungência lhe dão peso. Não é apenas o trabalho mas o valor humano que está em jogo. Seja lá o que for, o pós-modernismo tem de estar relacionado a uma pergunta primordial: o mundo moderno ainda oferece realisticamente o que prometeu por tanto tempo? Quando feita como teoria, a questão esquenta o sangue da controvérsia. Quando feita como o fato, ela abate os espíritos. Por mais que nos refugiemos na controvérsia, como se o calor da batalha política pudesse de fato reviver a esperança moral, as sombrias realidades do mundo moderno ao final deste milênio são difíceis de evitar: · A renda pessoal, no mundo inteiro, está declinando quase na mesma taxa perversa do aumento da produtividade econômica e da riqueza cumulativa. · Empregos estáveis, isto é, cargos que gerem renda e benefícios pessoais suficientes para sustentar a vida familiar, estão desaparecendo para a maioria. · Entrementes, as desigualdades sociais estão aumentando, não diminuindo □ mais drasticamente nos Estados Unidos, lugar que o mundo moderno sempre considera o país da oportunidade. · O estoque de alimentos estão alcançando seu menor nível em décadas, com uma queda de reservas mundiais de grãos para meros 48 dias nas atuais taxas de consumo. · Os conflitos sociais □ que vão da violência contra mulheres e crianças às desavenças étnicas, de classe e raciais □ estão por toda parte (Lemert, 2000, p 25).

⁶ Giddens (1998, p. 19) nos remete à seguinte definição de um dicionário de cultura moderna: "Pós-modernismo: esta palavra não tem sentido. Use-a frequentemente". Tal ironia com o termo pode ser associado à estreita compreensão que vê na pós-modernidade apenas “um metarrelato de caráter conformista, a legitimar um capitalismo globalizado” (Belonni, 1998, p. 96). Isso sem falar das leituras apressadas, e grotescamente equivocadas, que por vezes aproximam a noção do pós-moderno à visão otimista de Francis Fukuyama (1992), anunciada como “fim da história”. Em grande medida o preconceito também se justifica pelo ataque de Habermas às preleções de Lyotard. Em 1981, em uma conferência realizada em Nova York, e publicada em *New German Critique*, Habermas abre seu discurso com uma pergunta abrupta: “será que o moderno é tão ultrapassado como pretendem os pós-modernos? Ou será que o pós-moderno mesmo, proclamado por tantos, não passa de uma falsificação [sic]” (Anderson, 1999, p 57).

“O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo” (Sennett, 2011, p 33). “Estar à deriva” parece ser a sensação predominante nesse momento que Sennett (2011, p 11) também interpreta como reflexo do “novo capitalismo flexível”.

Na era da televisão de massa, do protagonismo do desejo e, principalmente, do crescente consumo estimulado pela obsolescência programada, os traços fundamentais do pós-modernismo⁷ enquanto realidade cultural e ideológica desse momento, se materializam na efemeridade, vale dizer, no contrato temporário que reduz todas as dimensões da vida pós-moderna à traumática flexibilidade.

A investigação dessa nova conjuntura está ainda em seu início e no Brasil⁸ ela parece ainda mais prematura. Embora parte da pesquisa nacional já estabeleça certo diálogo com tais teorias, às vezes a sensação é de que ainda estamos assistindo assustados aos debates acalorados entre Habermas e Lyotard, na tentativa insegura de reconhecer legitimidade na discussão contemporânea da pós-modernidade. Optamos, por vezes, com tamanha rapidez à recusa do pós-moderno que deixamos de contribuir para a construção epistemológica do termo.

Rejeitando todas as perspectivas pós-modernas está, por exemplo, Rouanet (2000) a reivindicar a necessidade de reconstrução do Iluminismo “com base num novo

⁷ Aqui o termo pós-modernismo não se reduz a um único “movimento filosófico, cultural e artístico” presente na contemporaneidade como sinaliza Adelman (2009, p 191). “Em primeiro lugar, o amplo leque de campos artísticos, intelectuais e acadêmicos nos quais o termo ‘pós-modernismo’ foi aplicado é impressionante: música (Cage, Stockhausen, Briers, Holloway, Tredici, Laurie Anderson); artes plásticas (Rauschenberg, Baselitz, Mach, Schnabel, Kiefer; alguns ainda incluiriam Warhol e a *pop art* da década de 60; outros, Bacon); literatura (*Slaughterhouse Five*, de Vonnegut, e os romances de Barth, Barthelme, Pynchon, Burroughs, Ballard, Doctorow); cinema (*Body Heat* [*Corpos Ardentes*], *The Wedding* [*Cerimônia de Casamento*], *Blue Velvet* [*Veludo Azul*], *Wetherby*); drama (o teatro de Artaud); fotografia (Sherman, Levine, Prince); arquitetura (Jencks, Venturi, Bolin); teoria e críticas literárias (Spanos, Hassan, Sontag, Fielder); filosofia (Lyotard, Derrida, Baudrillard, Vattimo, Rorty); antropologia (Clifford, Tyler, Marcus); sociologia (Denzin) e geografia (Soja)” (Featherstone, 1995, p. 18). Iain Chambers, citado por Harvey (2010, p 63), entende o pós-modernismo como uma expressão cultural plural concentrada “entre os significantes eletrônicos do cinema, da televisão, e do vídeo, nos estúdios de gravação e nos gravadores, na moda e nos estilos da juventude, em todos os sons, imagens e histórias diversas que são diariamente mixados, reciclados, e ‘arranhados’ juntos na tela gigante que é a cidade contemporânea”. Assim, mais do que um movimento, o pós-modernismo seria a tradução de uma forma hegemônica de entender, produzir e reproduzir cultura em um novo arranjo capitalista que desponta nesse momento recente. Jameson (1996, p. 6) sustenta o pós-modernismo como “força cultural dominante na era da acumulação flexível/capitalismo tardio”. Parece que o pós-modernismo representa a forma com a qual a sociedade contemporânea exterioriza sua relação entre economia, consumo e cultura estabelecendo um novo paradigma de indústria cultural. A preocupação central nesse artigo não é tanto definir o termo, mas sim localizá-lo de modo empírico, ou seja, estabelecer uma observação pontual que possa transparecer aspectos relacionados ao modo como a teoria crítica tem situado tal discussão.

⁸ A pós-modernidade começa a aparecer no debate científico brasileiro a partir de 1980. Trigo (1991) faz um estudo analítico das primeiras publicações que, nesse período, se destacaram pelas abordagens diferenciadas de tal discussão.

modelo de razão e numa nova concepção de modernidade”. Em postura claramente defensiva, argumenta Rouanet (2000, p.30) que tal posicionamento teórico é, na verdade, reflexo de sua “pretensão de contribuir a sério para esse trabalho”. Afirma ainda o autor que é “inquietante” a ideia de estarmos vivendo um momento pós-moderno, pois isso parece significar que “deixamos de ser contemporâneos a nós mesmos.” Ironicamente reconhece que o advento da pós-modernidade é a “opinião de um grande número de pessoas” e que certamente muitas delas não são “lunáticas”. (Rouanet, 2000, p.229). Ainda assim, “irrita-se” com o uso frequente do termo pós-moderno em diferentes contextos (históricos, culturais, econômicos, filosóficos e científicos) sem obedecer “a alguns preceitos elementares de lógica e em todo caso ao princípio da identidade: o pós-moderno não pode ser ao mesmo tempo tudo e seu contrário” (Rouanet,2000, p.230).

Avaliações combativas como a de Rouanet, que rejeitam *a priori* o fato de que a ambivalência continua a definir a experiência social, seja ela moderna, ou pós-moderna, pouco contribuem para a construção de um horizonte teórico coerente, ao contrario, perpetuam considerações indecisas e jocosas sobre temas tão cruciais.

Em se tratando do conhecimento sociológico nunca é demais lembrar que:

Se é verdade que há impasses reais no presente, também é verdade que as controvérsias sobre o seu objeto e método são mais ou menos permanentes. Dizem respeito às exigências da produção intelectual, com a singularidade de que a sociologia é uma ciência que sempre se pensa, ao mesmo tempo em que se realiza, desenvolve, enfrenta impasses, reorienta. Talvez mais do que outras ciências sociais, ela se pensa de modo contínuo, criticamente. Há uma espécie de sociologia da sociologia em toda produção sociológica de maior envergadura (Ianni, 1991, p. 199).

Pretérita modernidade

Senso comum e muitos saberes competentes concordam atualmente em uma afirmação: nada mais é como antes. Esse “antes”, incerto e questionável, também é, de certa maneira, estranho aos sentidos humanos. Distante, remoto, idílico e perigoso são apenas algumas alusões a esse nebuloso período que historicamente convencionou-se chamar de modernidade.

Baudelaire descreveu esse momento anterior como “transitório, fugidivo, contingente; uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável” (Harvey, 2010, p 21). Esse impulso dialético da modernidade foi também observado por Marx em seu *Manifesto Comunista*. Para o clássico, tudo que era sólido tinha se desmanchado no ar.

Os homens finalmente tinham sido levados a enfrentar “as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos” (Marx, apud Berman, 1998, p. 20).

Há uma modalidade de experiência vital - experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é partilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominarei esse corpo de experiência 'modernidade'. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo - e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia, nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo que, como disse Marx, "tudo que é sólido desmancha no ar. (Berman, 1982, p.15)

Percepção recorrente, a modernidade não apenas “envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes” (Harvey, 2010, p 22).

Na modernidade a sociedade industrial que emerge é completamente diferente de qualquer tipo de ordem social anterior (coletora, caçadora, pastoril ou agrária, por exemplo). Por outro lado, a industrialização não se resume ao surgimento da produção mecânica. Com ela inúmeros padrões de sociabilidade foram alterados ou criados. Sob esse aspecto são ricas as análises da sociologia clássica. Max Weber nos falou da racionalidade, cujo ápice seria simbolizado pela burocracia; Karl Marx denunciou a exploração do trabalho pelo capital, apontado para a necessidade de conscientização de classe rumo à conseqüente revolução; Émile Durkheim retratou a expectativa no aprimoramento social a partir do desenvolvimento urbano-industrial.

Em todos eles está presente o reconhecimento da força transformadora do capitalismo e a crítica ao degradante trabalho industrial moderno. Também é possível observar que a sociologia nasce enfatizando “o caráter móvel e inquieto da modernidade” (Giddens, 1991, p 20). Marx e Durkheim viam a modernidade como um momento de turbulência com amplas possibilidades de superação de suas características negativas. Ainda que por premissas absolutamente distintas, os dois pensadores vislumbravam a emergência de um sistema social mais humano. Weber certamente não

aderiu a tamanho entusiasmo embora não tenha antecipado “o quão extensivo viria a ser o lado sombrio da modernidade” (Giddens, 1991, p 17).

De todo modo, a rápida transformação da vida social moderna, impulsionada pela complexa divisão do trabalho que emerge no contexto industrial estabelece o ponto de partida das tradições teóricas mais proeminentes da sociologia. A partir dessa constatação inicial abre-se um leque de enfoques para analisar as diversas formas de sociabilidade construídas nesse novo ambiente. Novas identidades, conflitos inéditos e ansiedades ainda irreconhecíveis inauguram debates epistemológicos acerca da vida moderna. Impregnada por uma visão de mundo que atribuía ao domínio científico da natureza a responsabilidade pelo progresso, parte significativa do pensamento sociológico desse período ainda traçava caminhos rumo à emancipação humana.

Posteriormente a palavra modernidade foi adotada como designação abrangente e menos apologética que progresso para as mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais e subjetivas que criaram esse cenário de façanhas imensas e inseguranças assustadoras (Fridman, 1999, p 353).

Outra discussão que permeou a compreensão do mundo moderno evidenciou certa diferenciação entre a modernidade e as pretéritas experiências societárias a partir da dicotomia liberdade/segurança. “O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada” (Bauman, 1998, p 30), contudo, tais “energias emancipatórias” acabaram se transformando de forma incessante em “energias regulatórias” (Santos, 2001, p 93).

A civilização se constrói sobre uma renúncia do instinto. Especialmente — assim Freud nos diz — a civilização (leia-se: a modernidade) “impõe grandes sacrifícios” à sexualidade e agressividade do homem. O anseio de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências particulares da civilização ou contra a civilização como um todo. E não pode ser de outra maneira. Os prazeres da vida civilizada, e Freud insiste nisso, vêm num pacote fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião. (...) O homem civilizado trocou um quinhão de suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança (Bauman, 1998, p. 8)

Essa foi também a constatação de Foucault (1987) ao analisar que as mudanças que culminaram na formação da sociedade moderna, ao contrário do discurso iluminista emancipatório, priorizaram o controle capilarizado (microfísica do poder) e disciplinar. A metáfora do *Panóptico* de Bentham foi interpretada por Foucault como símbolo dos desejos modernos de disciplina e assimilação. Sob essa perspectiva, a sociedade moderna teria buscado incessantemente padronizar comportamentos e *habitus*

adequando-os à lógica produtiva. Esse movimento antropofágico procurava eliminar as diferenças através da vigilância invisível e permanente e sua consequente domesticação dos corpos através do exercício constante de doutrinação das almas.

Qual a duração desse paradoxal momento histórico é outra discussão que figura constantemente nas análises sobre o período. Ela, inclusive, esbarra na relutância teórica em reconhecer os últimos suspiros modernos.

Quanto tempo tem a modernidade é uma questão discutível. Não há acordo sobre datas nem consenso sobre o que deve ser datado. E uma vez se inicie o sério o esforço de datação, o próprio objeto começa a desaparecer. A modernidade, como todas as outras quase-totalidades que queremos retirar do fluxo contínuo do ser, torna-se esquiva: descobrimos que o conceito é carregado de ambigüidade, ao passo que seu referente é opaco no miolo e puído nas beiradas. De modo que é improvável que se resolva a discussão. O aspecto definidor da modernidade subjacente a essas tentativas é parte da discussão. (Bauman, 1999, p. 11-12).

Esse é também o entendimento de Balandier (1997, p 141) quando diz que “a modernidade parece escapar de qualquer tipo de definição, de descrição. Ela já é outra, aliás, quando mal se a percebe”. O fato é que, para muitos, a modernidade já acabou ou se alterou significativamente.

Tudo no ar parece confirmar a sensação generalizada de que “os tempos modernos agora terminaram” e que alguma divisão, algum corte fundamental ou salto qualitativo, agora nos separa decididamente daquele que foi o novo mundo do início do século XX, o do modernismo triunfante. (Jameson, apud Anderson, 1999, p. 60).

Essa sensação externada por Jameson é mais um convite do que propriamente uma constatação. Aí está presente o desejo de desvendar o atual momento encarando “as mudanças na medida em que operam nos níveis mais profundos do eu e da sociedade” (Kumar, 2006, p. 07).

Aliás, conforme lembra Merton (1979, p. 149), cada geração de sociólogos tende “a identificar a sua época como um momento decisivo no desenvolvimento da disciplina, para melhor ou para pior”. Em certos casos, no entanto, a crise pode ser real, relativa a problemas de explicação, impasses teóricos. (Ianni, 1991, p 200).

Eis que um novo momento desponta

De fato, o final do século XX foi marcado por profundas e irreversíveis transformações. A simbólica derrubada do muro de Berlim e as reformas políticas

soviéticas (perestroika e glasnost) que culminaram no fim da URSS representaram a magnitude das mudanças e o rumo político que elas provocaram. O consenso de Washington e suas regras universais passaram a dominar o cenário político ocidental tornado-se o espectro econômico de quase todas as nações.

Reestruturação produtiva, liberação dos mercados, privatização das indústrias e serviços, desregulamentação das relações de trabalho, flexibilização salarial, desemprego estrutural e redução das políticas públicas de inclusão social são apenas algumas das características desse limiar neoliberal. O fato é que o mundo está cada vez mais diligente com a economia e menos preocupado com o social.

Ao mesmo tempo o homem contemporâneo parece convencido de que finalmente quebrou as fronteiras do espaço-tempo. Tema controverso, ao menos é possível admitir que o desenvolvimento tecnológico mudou radicalmente inúmeras formas de sociabilidade e, no mesmo impulso, aniquilou outras tantas.

Nos últimos quarenta anos as transformações foram tão significativas que afetaram o perfil da economia mundial, acarretando também mudanças na configuração política dos Estados e nas formas de sociabilidade contemporâneas. Assim, diante de tais mudanças, as ciências sociais, se vêm obrigadas a observar as particularidades do momento ainda no compromisso weberiano de compreender a realidade e marxiano de desvendar aquilo que propositalmente foi ocultado.

Nesse contexto, alguns pensadores começam a associar as atuais transformações provocadas pelo desenvolvimento capitalista a um novo momento histórico. O ressurgimento do liberalismo econômico e político e suas conseqüências imediatas, vale dizer, a reestruturação dos setores produtivos e a flexibilização do trabalho apontam para um momento que Giddens (1995) chama de “modernidade radicalizada ou tardia”, Beck (1995) de “modernidade reflexiva”, Bauman (2001) de “modernidade líquida” e Jameson (1985) e Harvey (2010), entre outros, de “pós-modernidade”.

Harvey (2010, p. 45), influenciado por Lyotard, vai analisar a “condição pós moderna” como expressão de uma “cultura da sociedade capitalista avançada”.

O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança de sensibilidade para a qual o termo "pós-moderno" é na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado. A natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis, mas transformação ela é. Não quero ser entendido erroneamente como se afirmasse haver uma mudança global de paradigma nas ordens cultural, social e econômica; qualquer alegação dessa natureza seria um exagero. Mas, num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação na

sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente (Harvey, 2010, p.45)

Processos contemporâneos de mudanças sociais também são objetos de análise de Ulrich Beck (2010) e Zygmunt Bauman (2009)⁹. Para Beck (2010) vivemos hoje uma “sociedade de risco” designada como um estágio da modernidade reflexiva em que começam a tomar corpo as ameaças produzidas, até então, no caminho da sociedade industrial. A degradação ambiental, os fundamentalismos religiosos, o crime organizado, o terrorismo e outros tantos problemas seriam perigos experimentados cada vez mais de forma individual, vale dizer, sem o apoio de estruturas modernas como família, comunidade, classe, ou qualquer outro grupo social. Não são mais problemas de ordem, mas sim de risco, com respostas institucionais contingentes e emergenciais.

Bauman (2009) também está atento às mudanças sociais recentes que, em sua avaliação, parecem apontar para uma fragilização maior do sujeito e para uma crescente injustiça social. Nesse momento fluido que ele caracteriza como modernidade líquida, as mudanças representam sintomas de desengajamento e formação de novas estruturas de poder.

Vivemos em tempos de desregulamentação, de descentralização, de individualização, em que se assiste ao fim da Política com P maiúsculo e ao surgimento da "política da vida", ou seja, que assume que eu, você e todo o mundo deve encontrar soluções biográficas para problemas históricos, respostas individuais para problemas sociais. Nós, indivíduos, homens e mulheres na sociedade, fomos portanto, de modo geral, abandonados aos nossos próprios recursos (Pallares-Burke, 2004, p. 308-309).

Ao diagnosticar a sociedade contemporânea como aquela em que a vida está fatalmente voltada para o consumo, acaba identificando novos padrões culturais de sociabilidade que reelaboram de forma mais contundente as antigas dicotomias conflitivas entre capital e trabalho.

A sociedade que entra no século XXI não é menos "moderna" que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede

⁹ Obviamente que a seleção de autores aqui delineada não esgota, tampouco reduz a pluralidade do discurso sociológico contemporâneo. O recorte tem aqui outro papel, vale dizer, busca ilustrar diferentes posicionamentos dentro de um seguimento que sem coesão vem afirmando a singularidade do momento. Além disso, a escolha se justifica também na medida em que apresenta figuras proeminentes nessa perspectiva específica de retratar a experiência contemporânea.

de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de "limpar o lugar" em nome de um "novo e aperfeiçoado" projeto; de "desmantelar" "cortar" "defasar" "reunir" ou "reduzir" tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro — em nome da produtividade ou da competitividade (...). Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo "adiamento da satisfação" como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da auto-congratulação tranqüila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes. (...). Duas características, no entanto, fazem nossa situação - nossa forma de modernidade - nova e diferente. A primeira é o colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos em todos ou alguns de seus aspectos postulados: do firme equilíbrio entre oferta e procura e a satisfação de todas as necessidades; da ordem perfeita, em que tudo é colocado no lugar certo, nada que esteja deslocado persiste e nenhum lugar é posto em dúvida; das coisas humanas que se tornam totalmente transparentes porque se sabe tudo o que deve ser sabido; do completo domínio sobre o futuro — tão completo que põe fim a toda contingência, disputa, ambivalência e conseqüências imprevistas das iniciativas humanas. A segunda mudança é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado ("individualizado"), atribuído às vísceras e energia individuais e deixado à administração dos indivíduos e seus recursos. (Bauman, 2001, p. 36-38) (*sic*)

Sua cáustica observação do momento estabelece que inúmeras relações sociais se tornaram fluidas e efêmeras nessa atual conjuntura, daí suas categorias analíticas como o amor líquido, a vida líquida, o medo líquido, etc). Todas partem do pressuposto de que agora prevalecem “relações frouxas e compromissos revogáveis” (Bauman, 2009, p 11).

Sem esgotar de maneira alguma o universo acadêmico voltado às análises do contemporâneo, vale aqui destacar um importante e controverso autor que aborda as mudanças contemporâneas de forma muito particular. Manuel Castells (2011, p. 42), que textualmente se declara um teórico não niilista, propõe um olhar crítico distanciado do ceticismo social e da descrença política. Para ele as tecnologias de informação desempenharam papel fundamental nas transformações sociais. Na verdade, as tecnologias de informação são consideradas pelo autor como ferramentas significantes nos processos transformadores na medida em que alteraram definitivamente os padrões de sociabilidades daqueles que estão familiarizados com tais tecnologias. Reconhecendo o surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informalismo, Castells não despreza as dicotomias e as injustiças dessa nova estrutura social. Contudo, adverte que:

(...) a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre, em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (Castells, 2011, p.44).

Como se pode observar, em todos os autores aqui elencados está presente a grande preocupação em relação a fragilização dos laços sociais e a conseqüente “atomização do social em redes flexíveis” (Harvey, 2010, p 51). Entretanto, seja qual for o diagnóstico, o resultado direto dessa guinada teórica é a presença constante desses conteúdos atuais nas grades curriculares dos cursos de ciências sociais. Disciplinas que abordam temas como neoliberalismo, globalização e pós-modernidade, por exemplo, estão cada vez mais presentes nos projetos pedagógicos e figuram como requisitos essenciais de formação.

Se é certo que “a emergência da pós-modernidade está estritamente relacionada à emergência desta nova fase do capitalismo avançado, multinacional e de consumo” (Jameson, 1985, p. 10), invariavelmente esse novo contexto irá demarcar novas perspectivas teórico-metodológicas para enfrentar os objetos de análise novos ou reconfigurados. Violência, gênero, trabalho, movimentos sociais e diversos outros objetos¹⁰ de análise sociológica terão certamente enfoque outros, influenciados pelo pressuposto de que o momento moderno, no mínimo, se alterou.

¹⁰ Com o intuito de fornecer alguns exemplos empíricos do modo como o debate sobre a pós-modernidade continua a balizar a produção de idéias no campo sociológico, importante destacar os estudos de Judith Butler relacionados às questões de gênero. De forma muito cautelosa Judith Butler (1998) explora as possíveis ligações entre a teoria feminista e o pós-modernismo. Embora faça questão de frisar as diferenças entre pós-modernismo e pós-estruturalismo (perspectiva que mais se aproxima de seu exercício de reflexão), Butler reconhece a necessidade teórica de desconstruir conceitos como corpo, sexo e gênero. Tal relativização é considerada premissa fundamental para o exercício crítico de denunciar essencialismos que mascaram históricas relações de poder, presentes até mesmo no próprio discurso científico. Ainda segundo Butler (1998, p. 15), “se o termo pós-modernismo tem alguma força ou significação na teoria social, e na teoria social feminista em particular, ela talvez possa ser encontrada no exercício crítico que busca mostrar como a teoria, como a filosofia, está sempre implicada no poder, e que talvez seja isso que sintomaticamente está em funcionamento no esforço para domesticar e recusar um conjunto de críticas fortes sob a rubrica de pós-modernismo”. Ainda sobre os estudos de gênero, Jane Flax (1992) analisa a proximidade entre psicanálise, teorias feministas e teorias sobre a pós-modernidade. Para a autora, tais “pensamentos de transição” abalam sensivelmente as estruturas do pensamento moderno, principalmente as explicações totalizadoras do mundo ancoradas em verdades e conhecimentos universais. Quando o assunto é trabalho, outro debate teórico que desponta está relacionado às transformações ocorridas no exercício do trabalho na pós-modernidade e as influências de tais mudanças na subjetividade do trabalhador. Dito de outra forma, a recente exigência de novas habilidades e competências, aliada à reestruturação da produção, tem produzido novos sofrimentos psíquicos à classe trabalhadora. Richard Sennett (2011) se destaca nessa linha de estudos enfatizando “as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo”. Segundo o autor, a “economia de curto prazo” corrói a

Como adverte Barreto (2001) esse movimento não é novo. “Não devemos esquecer que, de certa forma, a própria sociologia surgiu em uma época de desarticulação social, como uma resposta aos desafios e impasses que brotaram ainda na aurora do capitalismo industrial”.

Assim, pouco sentido faz a resistência acadêmica em discutir tais teorias principalmente porque o objeto da sociologia, bem como das outras ciências sociais continua envolvendo:

(...) o indivíduo e a coletividade, as relações de coexistência e seqüência, diversidades e antagonismos. Diz respeito a seres dotados de vontade, querer, devir, ideais, ilusões, consciência, inconsciente, racionalidade, irracionalidade. Os fatos e acontecimentos sociais são sempre materiais e espirituais, envolvendo relações, processos e estruturas de dominação ou poder, e apropriação ou distribuição. Implicam indivíduos, famílias, grupos, classes, movimentos, instituições, padrões de comportamento, valores, fantasias. Esse é o mundo da liberdade e igualdade, trabalho e alienação, sofrimento e resignação, ideologia e utopia. (Ianni, 1991, p. 202)

Todos esses aspectos modificam-se ao longo do tempo, mas guardam algumas características essenciais. “Tudo mudou. Mas muita coisa subsiste, ainda que recriada, necessariamente recriada” (Ianni, 1991, p. 202). Enfim, a sociologia continua sendo “uma forma de autoconsciência científica da realidade social” (Ianni, 1991, p. 212).

lealdade, a confiança e o compromisso mútuo, por outro lado estabelece dinâmicas flexíveis de trabalho que aprisionam ainda mais o trabalhador como, por exemplo, o flexitempo (modelo de tarefa realizada fora do ambiente de trabalho e monitorada eletronicamente). Nessa linha de estudos destaca-se no Brasil a contribuição de Jacob Lima (2013). Tal pesquisador reuniu, em publicação recente, vários estudos que analisam as redefinições no mundo do trabalho apontando mudanças significativas na utilização do tempo, do espaço e das emoções no trabalho. Temas como a instabilidade, o trabalho temporário, o fim do planejamento de carreira, os deslocamentos espaciais e as novas competências emocionais para realizar inúmeros trabalhos se constituem em objetos de análise que aproximam a flexibilidade do capitalismo atual às repercussões sociais experimentadas por esses novos trabalhadores em suas vidas pessoais. Por fim, quando o tema é violência e/ou controle social, vários pesquisadores têm buscado associar as mudanças do capitalismo às novas políticas de controle mais repressivas. Ao contrário da política penal-previdenciária, cuja concepção básica era a reforma e a intervenção social para prevenir e combater o crime, a atual forma de conceber as políticas de combate à criminalidade abandona a perspectiva humanista de reinserção do criminoso para focalizar a simples imposição de mecanismos de controle. Autores como David Garland (2008) e Loic Wacquant (2001 e 2007) advogam que na pós-modernidade emerge um novo cenário no que diz respeito à criminalidade e ao seu controle. Em decorrência da maior degradação social, deflagrada pelas mudanças econômicas e políticas, ressurgem com força máxima desejos explicitamente retributivos e leis draconianas traduzidas em políticas penais unicamente punitivas. Nas palavras de Garland (2008, p 44) “os recentes desdobramentos em matéria de controle do crime e da justiça criminal são intrigantes porque envolvem uma súbita e perturbadora subversão do padrão histórico assentado. Mostram uma aguda descontinuidade que reclama explicação. Os processos modernizantes que, há tão pouco tempo, pareciam sedimentados neste domínio - acima de todas as tendências de longo prazo que apontavam para a ‘racionalização’ e para a civilização _ agora aparentam ter engatado a marcha à ré’. A reaparição, na política oficial, de sentimentos punitivos e de *gestos* expressivos, que parecem estranhamente arcaicos e absolutamente antimodernos, tende a confundir as teorias sociais comuns sobre a punição e seu desenvolvimento histórico. Nem mesmo o mais criativo leitor de Foucault, Marx, Durkheim e Elias poderia prever estes desdobramentos recentes, e certamente nenhuma previsão deste tipo jamais surgiu”.

A propósito, a “discente marxista” foi aprovada com nota máxima.

Referências Bibliográficas

ADELMAN, Miriam. Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. In. *Sociologias*. Porto Alegre, Ano 11, Nº 21, jan./jun. 2009.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

BARRETO, Túlio Velho. *Notas sobre teorias de mudança social no século XX*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a outra modernidade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

BELLONI, Maria Tecnologia e formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna? In. *Educação & Sociedade*. Campinas, Vol. 19 n. 65, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. In: *Cadernos Pagú*. São Paulo, Campinas: Unicamp, Vol.11, 1998.

CASTELLS, Manuel. A rede e o ser. In. *A era da informação: economia, sociedade e cultura Vol. 1 - A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 21, N 60, 2006.

DURKHEIM, E. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLAX, Jane. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: Buarque de Hollanda, Heloisa (org.) *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal Ltda, 1995.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 12ª ed. Tradução de Lúcia Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRIDMAN, Luis Carlos. *Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. História, Ciência, Saúde-Manguinhos*. Vol. 6, N° 2. Out 1999.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Tradução Aulyde S. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

GARLAND, David. *A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2008.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASCH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Editora Unesp, São Paulo. 1995.

GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social*. São Paulo, Editora Unesp, 1998.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

IANNI, Octavio. A crise dos paradigmas na sociologia: problemas de explicação. In. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N° 32, 1991.

JAMESON, Frederic. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In. *Novos Estudos Cebrap*. N 12, junho, 1985.

_____. _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Ática, 1996.

LEMERT, Charles. *Pós-modernismo não é o que você pensa*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LIMA, Jacob Carlos (Org.). *Outras sociologias do trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades*. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

_____. *O Pós-moderno*. José Olympio ed., Rio de Janeiro, 1986.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zigmunt Bauman. In. *Tempo social*. Vol.16,Nº.1, 2004 .

RAJOBAC, Raimundo. ROMANI, Simone. Jean-François Lyotard e a condição pós-moderna: perspectivas para os fundamentos da educação. In. *Signos*. Ano 32, n. 1, p. 09-17, 2011.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* São Paulo, Record, 2011.

TAVOLARO, Sérgio. Variações no interior de um discurso hegemônico? Sobre a tensão “ação – estrutura” na sociologia contemporânea. In *Teoria e Pesquisa*. Vol. XVI - Nº 01, Jan/Jun, 2007.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *A pós-modernidade como categoria filosófica*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 1991.

WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos EUA*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 2007.

_____. *As Prisões da Miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Recebido em fevereiro de 2013/ Aprovado em julho de 2013